

# Os motivos para a nova queda da cotação dos títulos brasileiros

12 OUT 1986

por Getúlio Bittencourt  
de Nova York

Os títulos da dívida externa brasileira voltaram a cair no mercado paralelo. A cotação do Citibank na compra de papéis de outros bancos caiu de 46,12 centavos por dólar para 45,75 desde a semana anterior. A cotação da Salomon Brothers desceu 0,2 centavo no mesmo período, e a da Merrill Lynch, 0,3. Há dois motivos para isso.

O primeiro é "a proibição das conversões informais para as empresas estatais", disse ontem a este jornal o vice-presidente da Merrill Lynch que opera papéis de países menos desenvolvidos, Manuel Mejia-Aoun. "Com isso, há menos procura pelos papéis brasileiros e o preço cai."

Mas talvez mais importante ainda seja o segundo. "Muitos bancos que entraram com dinheiro novo no acordo de reestruturação assinado em setembro venderam papéis brasileiros, para não aumentar sua exposição com o país", explicou ontem a este jornal um dos operadores de grandes bancos no mercado secundário.

Como os bancos tiveram de entrar com 11% de dinheiro novo, muitos venderam até 11% de seu portfólio brasileiro, e com isso deprimiram o valor dos Deposit Facilit Agreement (DFA), o registro que o Banco Central mantém da dívida externa.

A proibição de conversões informais para as empresas estatais retira do mercado compradores potenciais de DFA. Com isso, o lado da oferta de papéis sai fortalecido, forçando de novo os preços para baixo. Mas há alguma perspectiva de fortalecimento dos DFA até o final do mês.

O mercado em Nova York espera que a procura por DFA aumente devido ao leilão para conversões formais marcado para o dia 27. Ao mesmo tempo, acredita-se que os bancos médios e pequenos, que tiveram de vender seus DFA para não aumentar a exposição com o Brasil após o

acordo do dinheiro novo, já completaram essa reestruturação. O lado da oferta tenderia a diminuir.

Na lista de 28 países menos desenvolvidos cotados pela Salomon Brothers ao longo de todo o mês de setembro, não há nenhum onde suas vendas tenham sido maiores que as compras. O único caso de compra que parece voluntária é a de papéis da dívida da Turquia, em que esse banco de investimento comprou o dobro do que vendeu.

Apesar disso, o panorama pode mudar. Um analista da Salomon Brothers, John Purcell, depois de examinar o mercado secundário de títulos do Terceiro Mundo neste ano, assinala que Argentina, Brasil, Jamaica, Filipinas e Senegal "são potenciais ganhadores". A lista de perdedores potenciais inclui toda a América Central, a Costa do Marfim e a Iugoslávia.

O plebiscito chileno, segundo a análise de Stephen Dizard e seus colegas na Salomon Brothers, manteve o mercado "cauteloso, mas estável". Sua cotação para os papéis desse país era ontem de 58 centavos por dólar, na compra, e 59 na venda. O número em 30 de setembro era superior: 59,75 na compra e 60,5 na venda.

A cotação chilena do Citibank também caiu, de 60 centavos por dólar (número médio entre compra e venda), na semana passada, para 59 centavos ontem. O número da Merrill Lynch ontem para o Chile era o mais baixo entre os 3: 58,75 centavos por dólar na compra e 59,5 na venda.

O número do Citibank para a Argentina estacionou em 22,5 centavos por dólar ontem, o mesmo da semana anterior. Esse é aproximadamente o mesmo número médio da Merrill Lynch, que compra papéis argentinos a 22,25 e vende a 22,75. Trata-se de uma ligeira recuperação, considerando que esse número desceu até 19 centavos por dólar no início de setembro.